

ANTONIO CORRÊA DE LACERDA

Contradições da (des)industrialização

NA MESMA página B-3 do caderno **Dinheiro** desta **Folha** de ontem, três notícias contraditórias sobre o desenvolvimento da indústria brasileira. Duas bastante favoráveis: "Indústria retoma alta e cresce 5,3% no ano" e "Montadoras elevam projeções anuais de vendas e produção", enquanto outra nem tanto, "GE fecha fábrica de lâmpadas e cortará 900 no Rio".

Não há dicotomia entre o crescimento da indústria e a visão de que esteja havendo desindustrialização pelo aumento do conteúdo importado. Aliás, pelo contrário, uma avaliação mais pormenorizada só confirma essa tese. A análise não pode se restringir à taxa de crescimento industrial, até porque a base de comparação é baixíssima. A indústria de transformação cresceu apenas 1,6% em 2006.

O câmbio valorizado, aliado às condições sistêmicas desfavoráveis de competitividade, tem provoca-

do mudanças importantes. Sendo um dos principais preços da economia, o câmbio é determinante para a localização de investimentos, produção local e exportações. Há vários fatores impulsionando o crescimento econômico, com reflexos positivos na indústria. O cenário internacional ainda favorável provoca o aumento da demanda e de preços de vários setores, principalmente aqueles que não são diretamente afetados pela valorização do real. O aumento dos preços em dólares, especialmente das commodities, mais do que compensa a apreciação da moeda local. Já no mercado doméstico, o crescimento da massa salarial de 7,8% nos 12 meses acumulados, a queda dos juros e o aumento do crédito têm im-

Não deveríamos abrir mão de implementarmos políticas que fortaleçam o papel do Brasil nas cadeias produtivas

pulsionado a produção e as vendas.

O comércio local tem crescido a taxas superiores a 9% ao ano, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE. No entanto, observa-se um claro descolamento desse setor com o desempenho da indústria, ao contrário da aderência observada no passado. A Pesquisa Industrial Mensal, também do IBGE, aponta um crescimento de apenas 4,5% nos últimos 12 meses até agosto. Já a importação de produtos industriais, no mesmo

período, cresceu 23%, medida pelo índice de quantum da Funcex. As importações estão ocupando o lugar da produção local.

Há ainda impactos expressivos na perda de qualidade das exportações. Os setores tradicionais têm respondido pela maior parcela do superávit comercial. A indústria automobilística, por exemplo, tem batido recordes de produção e vendas domésticas, mas há deterioração do seu desempenho no comércio exterior. Segundo dados da Anfavea, entre janeiro e julho, o superávit comercial das montadoras foi de US\$ 991 milhões em 2007, apenas cerca de um quinto do desempenho de US\$ 4,773 bilhões de dois anos antes. Estamos perdendo espaço e deixando de marcar presen-

ça nos setores dinâmicos no mercado internacional, os tais portadores de futuro.

Enquanto digladiamos a respeito do diagnóstico, às vezes até nas questões de semântica da desindustrialização, o problema se agrava e trará consequências que extrapolam o setor industrial em si. Padrão de comércio exterior, investimentos, qualidade de empregos e renda, empreendedorismo e inovação são alguns dos aspectos diretamente envolvidos na questão.

Não deveríamos abrir mão de manter condições de competitividade favoráveis, inclusive cambial, e de implementarmos políticas que propiciem o fortalecimento do papel privilegiado que o Brasil ainda pode desempenhar nas cadeias produtivas globais.

ANTONIO CORRÊA DE LACERDA é doutor pelo Instituto de Economia/Unicamp, professor da PUC-SP e autor de "Globalização e investimento estrangeiro no Brasil" (Saraiva).

aclacerta@pucsp.br